

“fidelidade criativa” — como Marcel denomina nossa lealdade aos mortos — não passa de um pensamento esperançoso, um bálsamo para a dor da perda. Não há como entender de que forma isso pode manter os mortos vivos de alguma maneira que seja proveitosa aos próprios mortos. Não há fundamentos para a continuidade da *experiência* nos mortos.

Numa visão clássica do ser, uma visão que coloca o ser como um indivíduo isolado, essencialmente desligado dos outros e surgido unicamente de ligações nervosas dentro de seu próprio cérebro, não há como superar este impasse. Em termos clássicos, não pode haver uma “física da imortalidade” baseada nos relacionamentos íntimos, pois não há uma física da intimidade. Para um ser quântico, porém, as coisas são muito diferentes.

O relacionamento íntimo, o relacionamento que entra no ser, que influencia e até define sua existência a partir de dentro, é o *sine qua non* do ser quântico. Do ponto de vista mecânico-quântico, eu sou meus relacionamentos — meus relacionamentos com os subseres dentro de meu próprio ser e meus relacionamentos com os outros, meu relacionamento vivo com meu próprio passado através da memória quântica e com meu futuro através de minhas possibilidades. Sem relacionamentos, não sou nada.

Ao considerar a possibilidade da existência de uma visão quântica da imortalidade que prenda de modo significativo os mortos a este mundo por meio de relacionamentos — “a fidelidade criativa” de Marcel —, perguntamos se haverá alguma base física para a integração do passado de outro ao nosso “agora”, de tal forma que o outro, embora “morto”, esteja realmente conosco aqui e agora, rindo como rimos, planejando como planejamos, amando como amamos. Estamos, na verdade, perguntando se a vida passada de outrem pode ser reencarnada por intermédio de sua ligação conosco. Será isso tão diferente de perguntar sobre a ligação entre meu próprio passado e meu presente vivido agora?

Pelo processo de memória quântica, em que os padrões de onda criados por experiências passadas fundem-se no sistema quântico do cérebro com os padrões de onda criados pela experiência

presente, meu passado está sempre comigo. Ele não existe como “memória”, um fato fechado e acabado que posso lembrar, mas como uma presença viva que define em parte aquilo que sou agora. Os padrões de onda do passado são colhidos e enredados ao agora, revividos novamente a cada vez como algo que foi, mas também como algo que é, agora. Por meio da memória quântica, o passado está vivo, aberto e em diálogo com o presente. Como em qualquer verdadeiro diálogo, isso significa que o passado não só influencia o presente como também que o presente se impõe sobre o passado, dando-lhe nova vida e significado, por vezes transformando-o completamente. Um exemplo pessoal talvez ajude a tornar a idéia mais concreta.

Quando bebê e durante minha infância, fiquei separada de minha mãe por muito tempo, muitas vezes por meses a fio. Durante três anos nem sequer morei na mesma casa que ela, vendo-a somente em algumas ocasiões, rápidas visitas de fim de semana. Sentia uma saudade terrível, chorava por ela, sofri depressões muito precoces em função de sua ausência e muitas vezes planejava meios para escapar da casa de meus avós e voltar para ela. Essas separações marcaram minha infância, sem dúvida, como também lançaram uma sombra sobre minha vida adulta. A criança em meu interior (meu subser criança) ficou entrelaçada aos padrões de relacionamento que experimentei como adolescente e adulta.

Durante muitos anos sofri de uma horrível insegurança no relacionamento com os outros, questionando se eles realmente gostavam de mim, se iriam me rejeitar. Se alguém de fato parecia me amar e desejar, eu experimentava o que os psicólogos chamam de “ansiedade de separação” sempre que ele ou ela estavam fora de minha vista. Não conseguia tolerar com facilidade a liberdade daqueles que amava, e isso, por sua vez, tornava minha presença algo sufocante para eles — muitas vezes provocando a rejeição que eu tanto temia.

Com minha mente racional, eu podia muitas vezes identificar o padrão de aprisionamento sufocante inevitavelmente seguido pela rejeição que frustrava meus relacionamentos adultos, mas